

In vino veritas

Monólogo para diversos atores

de José Rubens Siqueira

São Paulo, março 1997

Em 1997, Renata Melo foi convidada a dirigir na EAD – Escola de Arte Dramática da USP, concebeu um espetáculo chamado *Boteco* e reuniu os autores Luís Alberto de Abreu, Fernando Bonassi, Gabriela Rabelo, Marçal Aquino, Renata Lopes e eu para produzir textos curtos especiais para o grupo.

Foi uma realização de grande originalidade, que através da linguagem corporal alinhavava com elegância e eficácia textos de naturezas muito diferentes.

Direção: Renata Melo

Cenários: Renato Marques

Figurinos: Marcelo Sommer

Elenco:

Antoune Nachle

César Guirao

Eduardo Estrela

Hererson Hoerre

Marizilda Rosa

Matheus Leinoch

Paola Musatti

Patrícia Martins Soares

Telma Vieira

Vera Andrade

O personagem é um único homem, com uma história pessoal única, e no mesmo grau alcoólico de começo a fim de sua fala.

Como todo ser humano, porém, ele tem muitas faces que compõem a sua totalidade, o seu eu.

A divisão das falas, indica o momento em que esse discurso único passa de um ator, ou atriz, para outro, ou outra, mudando a faixa de expressão do personagem único e atribuindo um movimento dramático de diversidade poética ao monólogo.

Certas falas, de reflexão, são neutras em termos de gênero, podendo ser feitas indistintamente por homens ou mulheres. As falas que narram ações, no entanto, visto o seu conteúdo especificamente masculino, devem ser feitas por homens.

O personagem deve ter um elemento identificador: uma peça de roupa (um chapéu que é passado quando passa o personagem, por exemplo), ou um ponto específico do espaço, ou uma luz específica, ou uma postura corporal, etc., que sirva de código para o público identificar como um mesmo personagem transita por vários atores (Ou como vários atores transitam pelo mesmo personagem).

O discurso pode também ser dividido em três blocos, marcados por “três vistosas estrelinhas”, no caso do monólogo ser realizado por apenas três atores. Ou duas atrizes para os blocos inicial e final, e um ator para o bloco central.

Estas observações revelam o projeto básico que orientou a estrutura do texto: cada bloco constitui uma unidade dramática que, se for dividida, não perde apenas a clareza, mas a sua própria unidade dramatúrgica.

No mais, esta breve peça em tudo depende dos artistas que transformarem estas meras palavras em teatro.

- BEB 1 - Eu não estou bêbado. É o espírito do vinho que fala em mim. *In vino, veritas*. É latim.
- BEB 2 - Quer dizer, no vinho, a verdade. Verdade. Não acredita? Vai perguntar pro padre. Não é padre que fala latim?
- BEB 3 - No vinho, a verdade.
- BEB 4 - É.
- BEB 5 - A verdade do vinho.
- BEB 6 - O vinho da verdade.
- BEB 7 - Ovinho, ovão, ovo. Da verdade.
- BEB 8 - O vinho é o ovo da verdade.
- BEB 9 - Sabe o que isso daí quer dizer? Não quer dizer que quando a gente bebe a gente fala a verdade, não. Quando a gente bebe a gente mente.
- BEB 10 - Gente mente.
- BEB 11 - Mas é aí, é aí, quando a gente mente que a gente é de verdade. A mentira é verdade. Mentira é que é verdade. Entendeu?
- BEB 12 - Ó, prestação que eu vou explicar: quando eu falo a verdade ninguém não sabe se é verdade ou se é mentira, ninguém nem não pensa se é ou se não é.
- BEB 13 - Quer dizer, quando a verdade que eu estou dizendo é coisa que todo mundo sabe. Entendeu? Não entendeu nada.
- BEB 14 - Eu vou explicar: ó: se eu digo assim isso daqui é um pé.
(*curva-se, perigosamente desequilibrado, para agarrar o próprio pé*)
Aqui no peito bate o coração, ninguém não quer nem saber se é verdade ou se é mentira. É o que é. Certo? Entendeu?
- BEB 15 - Bom. Isso daí que é verdade: pé é pé, coração é coração. Nem não precisa de vinho pra saber essas verdade.
- BEB 16 - Mas aí, tem a mentira. Aquela. Aquela mentira que é verdade. Lembra? Pois então: quando o cara mente, a mentira que é verdade. Pra ele e pros outro. Pra ele é uma, porque ele acredita é na mentira, pros outro é outra, por que os outro saca que a mentira é mentira, mas vê que é verdade o por quê que o

cara tá mentindo. Entendeu? Não. Não, não é porque um cara mente bem e o outro não sabe mentir. Nada disso. O cara que mente bem é tão verdade quanto a mentira mal mentida.

- BEB 17 - Assim, ó: acho que agora vai: o que interessa não é o quê que o cara diz, quer dizer, o que interessa não é a mentira, o que interessa é o mentir. Certo? Mentir é verdade. Quer dizer, o jeito da mentira mostra a verdade do mentiroso. Tá entendendo? Não? Não é papo de bebum, não, cara.
- BEB 18 - Eu não tô bêbado, é o espírito do deus do vinho que fala em mim. *Vino veritas*.
- BEB 19 - Prestenção: eu vou contar um negócio pra vocês. Ó, minha mulher fala que eu sou o maior mentiroso, vagabundo, sem vergonha, fia da puta. Não, fia da puta ela não fala não, que ele não gosta de palavrão. Mas é isso daí: ela fala que eu não presto, certo? Que eu sou um puta dum viciado que só pensa na birita, que não pensa nela, nem nas criança, nem em melhorar de vida, que eu estou puxando a gente pro buraco, que eu sou um puta dum mentiroso que se eu queria eu me aprumava, arrumava aí um emprego, que é mentira minha que a situação tá preta, que eu não me ajeito na vida por causa da birita.
- BEB 20 - É verdade? Fala pra mim. É verdade? É duas verdade. A dela e a minha. É três porque tem a verdade da situação que tá preta mesmo, também. Fala a verdade. Tá bom pra vocês? Não tá! Todo mundo na maior dureza, não tem grana pra nada. É três verdade: a dela, a minha, a de vocês. Deixa eu contar, então: é assim, ó.
- BEB 21 - A gente morava no interior, sabe? Boituva que chamava a cidade. Bonitinha, até. Os dois nascemos lá, a mulher e eu. Nasceu e cresceu lá. Tudo lá. Tudo gente de família, nós dois. Rico não, né? Remediado assim. Aí, a gente se conheceu. Eu conheci ela, ela conheceu eu. Na praça. Que divertimento lá em Boituva era passear na praça. Duas rodas que fazia. Na roda de fora os homem, andando pra cá assim. Na roda de dentro as moças, rodando pro outro lado. E a gente ia conversando com amigos e olhando as mulher e as mulher olhando a gente, etcetera e tal. E a gente, a Nereide e eu começamos a namorar menino ainda, tinha o quê?, dezessete, dezoito eu, dezesseis que ela tinha. Era um fogo, meu! Fogo não de porre, né?, fogo de amor, de sacanagem, que a neguinha era foda. Gostosa pra caramba! E aí, foi, um dia,

não teve jeito. Da praça a gente saía pro muro do cemitério, namorar mesmo era no muro do cemitério. De um lado, do lado mais escuro que não tinha luz na rua, o muro era mais grosso assim na parte de baixo, depois ia afinando pra cima, ficava assim meio que deitado uma parte, parecia um sofazão, sabe como é? Bom. Aí, foi, um dia, a gente naquele amasso, “põe só nas coxas”, “bota só a cabecinha”, não deu pra agüentar, né?, entrou que entrou tudo que foi um veludo pra primeira vez. Nereide nem não sentiu dor, deu um gemidinho assim e já estava que estava querendo gozar. E nunca vi, meu!, primeira vez dela, virgem que era, que eu senti o cabaço dela ali, durinho, até me esfolou a cabeça do pau, e eu que só tinha ido na zona umas meia dúzia de vez, nem não sabia muito das coisas, não, a gente gozou junto. Ao mesmo tempo, cara. Juntinho mesmo. Aquilo era amor mesmo pra valer. Nereide e eu.

BEB 22 - Precisa contar? Nem não precisa contar. Claro. Ela pegou barriga, os irmão dela quis matar eu. Um pouco só, né?, porque a gente era colega de ficar circulando na praça, quando eu peguei e falei pra eles assim “e se era vocês que tinha feito filho na minha irmã, ahn?”, eles amansou. Nereide era caçula, não tinha pai. A mãe e os irmão que cuidava, queria que ela estudava, mas aí mudaram de idéia, queria que ela casava. Eu casei. Vinhemo pra São Paulo. Eu dei sorte, arrumei emprego logo. Assim que o menino nasceu... Máicon que chama ele. Máicon. Eu queria que chamava o meu nome que aí ficava Júnior, que é legal. Mas Nereide queria Máicon por causa que gosta do Máicon Jackson, eu topei. Agora até já acostumei. Depois, veio o Irineu, nome de meu pai, ela não queria, mas ficou. A gente apelidamo ele de Netinho. Aí, nasceu Maria Dolores... Uma boneca que era ela. Lindeza mesmo. Nereide, porém, tava trabalhando demais, que a gente conseguiu um terreninho queria construir nossa casa, ela garrou a trabalhar, se cansou, estresse, essas coisa, a menina nasceu de sete mês. Fraquinha, fraquinha. Uma bonequinha que cabia assim na palma da mão. Não vingou. Não vingou, não. *(faz um grande esforço para controlar a emoção)* Aí... *(começa a chorar, não consegue mais falar, passa o personagem)*

BEB 23 - Eu não tô bêbado, é o espírito do deus Baco, que fala em mim. *Vinoverts*. Quando a menina morreu, Nereide perdeu o gosto das coisa do corpo, não deixava mais eu encostar o dedo nela. Era eu ir me chegando assim de noite,

na cama, ela começava que começava a chorar. Aí eu pegava e saía. De as vez ficava na rua até de manhã, ia direto pro serviço, de outras vez voltava pra casa com a cabeça cheia de cachaça, aí que Nereide mais que chorava, ficava uma fera comigo, ficava. Mas foi indo, foi indo, achei que ia passar, mas não passou. Não passou, não. Eu ali esperando, tinha umas e outra lá no bairro que até que dava pra mim se eu queria, mas eu não queria. Queria era Nereide, só a Nereide.

- BEB 24 - Aí, um dia mais que eu quis e ela não quis eu saí, enchi a cara, voltei e peguei ela na marra, agarrei por trás, joguei em cima da mesa. Ela chorava, calada, pra não acordar as crianças... Eu nem não sei como é que tive coragem de fazer isso com ela, Nereide, minha mulher, eu estrupando ela por trás feito bandido, quando ela virou pra olhar pra mim assim, que eu vi aquela dor nos olho dela, mãe de meus filho, broxei. Fiquei com vergonha. Vergonha dela, vergonha de mim. Vergonha. Saí, fui, bebi mais. Até cair. Dei com a cabeça na quina da sarjeta, ali fiquei. Não fui mais pro serviço, não fui mais pra casa. Até hoje não fui mais.
- BEB 25 - Tem jeito mais, não. Aqui vim, aqui fiquei. Aqui vim... *vinverta*. Vem, vorta. Vem e volta. Volta a. Ta a. A a. AAA. Me levaram lá uma vez. Na AAA. Mas eu não voltei mais não.
- BEB 26 - Lá é assim mesmo igual que nem a gente estamos fazendo aqui, lá na AAA: o nego sobe, conta lá a verdade dele: “Faz 150 dia que eu não bebo. Porque quando eu bebia eu batia na mulher...”, essas coisa de bebum. Os outros que tá sentado fica tudo emocionado assim, chora, ri, bate palma. Não interessa se o cara tá falando verdade ou mentira, entendeu? Tem três verdade: a verdade da mentira que o nego tá contando, se for mentira. A verdade que ele tá mostrando com a mentira dele. E a verdade dos que tá sentado, escutando.
- BEB 27 - Que nem aqui. Tem três verdade.
- BEB 28 - Eu não tô bêbado. É o espírito do vinho que fala em mim.
- BEB 29 - Tem a minha mentira, que é verdade.
- BEB 30 - Eu não tô bêbado. É o espírito do deus do vinho que fala em mim.
- BEB 31 - Tem a verdade que eu tô mentindo.
- BEB 32 - Eu não tô bêbado. É o espírito do deus Baco que fala em mim.
- BEB 33 - E tem a verdade que vocês estão escutando.

BEB 34 - Eu não tô bêbado. É o espírito do Dionísio que fala em mim.

BEB 35 - *In vino veritas.*

BEB 36 - Teatro.

(Longa pausa)

BEB 37 - Tchau.

(Sai)